



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS E TUDO O QUE AINDA NÃO SE DESFEZ NO AR

Autores: IGOR MEDEIROS, WESLEY HELKER FELÍCIO SILVA

Resumo

Pretende-se no presente trabalho compreender a crítica do Boaventura de Sousa Santos acerca do paradigma da modernidade, bem como suas pontuações sobre como o marxismo se desfez no ar. Esse trabalho é resultado parcial da iniciação científica intitulada *O neoliberalismo e a razão pós-moderna*. O objetivo aqui colocado é mostrar como e por quais motivos o sociólogo Boaventura de Sousa Santos desqualifica o paradigma da modernidade, entendendo que estamos em um momento de transição paradigmática e que está por vir, até o presente momento ser nomeada de pós-modernidade, bem como entender a teoria construída por Marx e Engels como algo que deve ser desconsiderado, pois nasceu na modernidade e ela, em algum momento, se aliou ao capitalismo, tornando tudo do período algo que deve ser jogado no esquecimento, desfazendo-se de uma vez por todas o marxismo e a sua solidez.

Palavras-chave: Modernidade; Pós-modernidade; Marxismo; Boaventura de Sousa Santos; Paradigmas;

Introdução

Surge após o iluminismo, através de entraves teóricos, um amplo processo civilizatório sob o nome de modernidade. Isso significava uma mudança societal, todavia, com o advento do capitalismo, enquanto sistema político-econômico, o projeto da modernidade torna-se incompleto. O capitalismo é sagaz nos moldes de corromper pensamentos e ganhar adeptos e seguidores. O paradigma da modernidade não deixou de lutar para que sua ciência moderna pudesse vencer o modo de produção que crescia.

É por esse mesmo motivo, segundo Boaventura de Souza Santos (1999), que o projeto político/científico de Marx, sendo pontualmente, construído dentro do período moderno, perde sua validade. E isso acontece na medida em que a teoria marxista segue seus próprios preceitos e é limitada pelo capitalismo tendo como última escolha dissolver-se no ar. Embora brilhante, de acordo com autor, a teoria marxista tornou-se incompleta e as previsões feitas por Marx limitou-se a serem apenas a última grande utopia da modernidade.

Santos (1999) adere, mesmo que não sendo o melhor termo, o novo paradigma adotado pela sociedade seria a pós-modernidade. Postula sobre as versões existentes de pós-modernismo, temos, portanto, o pós-modernismo de oposição e o pós-modernismo de celebração. E para atingirmos esse paradigma devemos pensar outro tipo de racionalidade, ou seja, as grandes teorias da modernidade, como o marxismo ou positivismo, não mais nos atende, não pode nos servir o presente momento.

Metodologia

O trabalho em foco envolve uma análise de abordagem qualitativa que foi construída através dos estudos parciais da iniciação científica ICV/UNIMONTES intitulada *O neoliberalismo e a razão pós-moderna*.

Resultados e discussão

No livro *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, Boaventura de Sousa Santos aponta no capítulo dois o porquê a teoria sociológica de Karl Marx não pode ser aplicada no momento que nos encontramos que, de acordo com ele, é o período de transição entre o paradigma da modernidade e o paradigma



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

da pós-modernidade.

Seguindo como ele escreve em seu livro, faremos um resgate da história do marxismo e postularemos sobre como o Marx e a ciência adotada por ele rebate o capitalismo e como esse modo de produção criou estratégias para vencer suas crises. Ademais, pontuaremos como o autor explica a crise da modernidade e sob que forma atuará à pós-modernidade para que os mesmos erros não sejam cometidos.

A. A disputa entre o marxismo e o capitalismo

Com a expressão do Manifesto Comunista, tudo o que é sólido se desfaz no ar, Marx e Engels denotava que as verdades e teorias postas, bem como a estrutura de sociedade, poderiam em um determinado momento ser sólido no pensamento e crença geral, assim como, em outro, já estaria desmanchado no ar, assim como o fogo que transforma tudo em fumaça. Ao mesmo tempo em que o paradigma da modernidade trouxe a contribuição do marxismo, trouxe também o capitalismo. Esse novo modo de produção, que na sua radicalidade era a manifestação de uma nova manifestação global, e significava grosso modo, um processo de mudança paradigmática. A força e a dimensão do capitalismo transformaram sem momento histórico de desenvolvimento pequeno para as proposta pelas quais ele defenderia. O limite posto ao marxismo enquanto umas das teorias que fundam a sociologia seria justamente, o modo de produção capitalista. Dado a isso, a ciência e o progresso, liberdade e igualdade, racionalidade e autonomia seriam cumpridos, apenas, fora do capitalismo. O marxismo agora provaria na prática o que colocava na teoria, disputava com o capitalismo quem iria se desfazer no ar. Nessa perspectiva, todo o projeto político, científico e filosófico de Marx e Engels consistiria na superação do sistema iniciado. Para o marxismo, a evaporação do sistema capitalista estaria sob a responsabilidade da classe operária, visto que a consciência de classes, bem como a união dos trabalhadores, eram suficientemente sólidos e funcionais para tal função (SANTOS, 1999).

O período de ouro do marxismo engloba, para a sociologia, a última década do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Tendo como auge o que culminou na Revolução de Outubro. Nesse período o marxismo foi englobado as ciências sociais, tornando-se, um dos fundamentos da sociologia. A partir daí inicia vários debates paradigmáticos da sociologia contemporânea (SANTOS, 1999).

A riqueza da tradição marxista está na fusão do político com o epistemológico. Surgem argumentos que diz que o marxismo é uma ciência tem de se submeter à prova dos fatos e os fatos não vão ao sentido previsto por Marx. Cresceram a miséria e o capitalismo continua super-resistente as suas crises e estas são menos severas que o que foi previsto pelo clássico da sociologia (SANTOS, 1999).

Autores austro-marxistas, “inspirados pelo neokantismo e pelo positivismo de Ernst Mach, procuraram transformar o marxismo numa ciência empírica, numa sociologia das sociedades capitalistas”. Foi a partir de 1917, que a concepção cientista e sociológica do marxismo foi fortemente contestada. Criou-se, no pensamento marxista, tensões que não mais desprezaria dele, como o da Escola de Frankfurt e do marxismo analítico. Vários autores pontuavam que a transformação do marxismo em uma ciência positiva destruía o seu potencial revolucionário (SANTOS, 1999). “As raízes do marxismo eram hegelianas e faziam dele uma filosofia crítica, uma filosofia da práxis, mais virada para a construção de uma visão libertadora e emancipatória do mundo do que para uma análise sistemática e objetiva da sociedade capitalista” (SANTOS, 1999, p. 27).

Nas décadas de 1930 e 1940, o capitalismo imperialista e o fascismo criaram força suficientemente forte para jogar o marxismo na inviabilidade da história. Foi nesse período que houve uma retração dos movimentos socialistas na Europa Ocidental e a experiência stalinista, que colocaram o marxismo no ostracismo. Nos anos de 1950 o pensamento marxista renasce iniciando uma fase vigorosa que duraria até os anos de 1970. Foi, pois, os movimentos de descolonização, a criação de novos países, liderados por políticos marxistas, o movimento estudantil, a revolução cubana e a revolução chinesa. Contudo, foi colocada em cheque a solidez do marxismo ao denunciar a discrepância entre o vigor e a sofisticação dos debates intelectuais e a mediocridade real do movimento socialista. Descobriram, portanto, que os regimes democráticos europeus e partidos socialista tinham como preferencia a gestão do capitalismo e não a sua superação (SANTOS, 1999).

A sociedade pós-industrial viu no presente uma ruptura com o passado colocando tanto o capitalismo industrial, quando a sua crítica, o marxismo, na fogueira. Os anos de 1980 trouxeram mais uma vez, elementos que colocavam o marxismo como desfeito no ar. Elementos como a ascensão de partidos conservadores na Europa e nos Estados Unidos; o isolamento progressivo dos partidos comunista e a descaracterização política dos partidos socialistas; a transnacionalização da economia e a sujeição férrea dos países periféricos e semiperiféricos às exigências do capitalismo multinacional e das instituições de suporte, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional; a consagração mundial da lógica econômica capitalista sob a forma e neoliberal e a consequente apologia do mercado, da livre iniciativa do Estado mínimo e da mercantilização das relações sociais; o fortalecimento sem precedentes da



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

B. O novo paradigma em termos de Boaventura

Segundo Santos (1999), é a condição do presente que põe condições de pensar fatos ocorridos no presente e, esse movimento, é o que impele a dispensar-se e repensar-se e, é através desse, que devemos avaliar os limites e as potencialidades do marxismo e tudo que foi avaliado negativamente deve ser ignorado. Não deve haver, portanto, uma ortodoxia que se tenha de prestar lealdade, quando se fala em pensamentos de paradigmas. Marx, assim como os outros teóricos fundadores da sociologia devem ser posto em condições de igualdade. Na teoria de Marx ele colocou no mesmo plano a compreensão da sociedade capitalista tal como ela existe e a sua transformação futura e foi esta ação que a tornou vulnerável para que fosse objeto de ortodoxia e canonização.

Santo diz que as ciências sociais da modernidade sempre confundem o campo do conhecimento da compreensão e da explicação da sociedade do presente e o campo do conhecimento da direção e a transformação desta. Eles, Durkheim, Marx e Weber, apontaram previsões e direções desejáveis ou indesejáveis da transformação social. Entretanto, Marx o fez, mas apresentou provisões que pretendiam ir além do capitalismo e, isso foi o ponto, que talvez contra sua vontade se tornou uma das últimas grandes utopias a modernidade. O autor diz, que devemos assumir plenamente que hoje, é claro, todos socialismo é utópico ou não é um socialismo. A proposta transformadora de Marx nos faz pensar se devemos dispensar as utopias ou se a utopia do marxismo ainda nos serve e, ou ainda o se devemos substituir seu pensamento por outra. O autor afirma que estamos em uma fase de transição paradigmática entre paradigma da modernidade para uma nova. O novo paradigma que ele designa por pós-modernidade (SANTOS, 1999).

A ciência moderna da modernidade considerou-se como sendo a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual e, por esse motivo entrou em um problema sem solução que é gerador de recorrentes e irracionalidade. É, sobretudo, por esse motivo que o período de transição ocorre no plano social global. O progresso da acumulação capitalista transforma a natureza em mera condição de produção. O capitalismo é uma catástrofe ecológica. Supera suas crises endêmicas de acumulação, ampliando a mercadorização da vida, estende os bens e serviços a novas relações sociais, fazendo-o chegar a pontos do planeta que não eram integrados na economia mundial. Por esse motivo diz que o processo de expansão capitalista parece atingir limites intransponíveis.

Santos pergunta-se como e em que condição o marxismo contribuiria para a compreensão e superação, no presente. Diz que “o marxismo é uma das mais brilhantes reflexões teóricas da modernidade, um dos seus produtos culturais e políticos mais genuínos. Se a modernidade se torna hoje mais que nunca problemática, o marxismo será mais parte do problema que defrontamos do que da solução pretendemos encontrar. No entanto, há que distinguir. No plano epistemológico, o marxismo pouco pode contribuir para nos ajudar a trilhar a transição paradigmática. Marx demonstrou uma fé incondicional na ciência moderna e no progresso e racionalidade que ele poderia gerar. Pensou o mesmo que o governo evolução da sociedade podia estar sujeitos a leis tão rigorosas quantas que supostamente reagem natureza, numa antecipada e antecipação do sonho, mais tarde articulado pelo positivismo, da ciência unificada. A crítica epistemológica da ciência moderna não pode deixar de envolver o marxismo” (SANTOS, 1999).

Considerações finais

É a partir de Gonçalves (2011), que Santos, se equivoca ao colocar que a teoria marxista se desfez no ar junto com a modernidade. Embora não explique todos e quaisquer fatos colocados pela história, o marxismo nos fornece como arma de batalha o processo revolucionário que poderemos atingir caso a consciência de classe e as lutas de classe consigam unir-se a outras lutas e entre como elemento central.

Em argumentos sobre a fim da modernidade e de tudo que foi deixado por ela Santos, esquece que foi a partir dela que as “conquistas, explicações e resultados que a ciência moderna crítica da modernidade proporciona para a humanidade frente a conhecimentos que outrora se supunham “verdadeiros”” (GONÇALVES, 2011, p. 08).

Hoje, a pós-modernidade explica os elementos históricos de maneira segmentada. A sociedade do efêmero, onde somente a aparência dos fatos é de fato levada em consideração, indistinguindo, dessa maneira, aparência-essência. A pós-modernidade, pois, possui caráter anti-ontológico, e observamos os limites desse idealismo na supressão da distinção sujeito-objeto, na não distinção de natureza-sociedade, na incompreensão da historicidade da relação relativo-absoluto e ainda, o que considero mais preocupante e que já vivemos despojadamente a inexistência de uma dimensão de totalidade ou na impossibilidade da superação do caráter fragmentário do mundo.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Referências bibliográficas

GONÇALVES, Maurício Bernardino. Boaventura de Sousa Santos e a “pós-modernidade de contestação”: Algumas notações marxistas. **Aurora**, UNESP, Marília-SP. ano V, n. 8, p. 1-17, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pósmodernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____. “Porque é tão difícil construir uma teoria crítica?” **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 54, 1999, p. 197-215. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque_e_tao_dificil_construir_teorica_critica_RCCS54.PDF. Acesso em 09 de Outubro de 2018.